

**Entre o videogame e o jogo da vida – o afeto no episódio “*STRIKING VIPERS*”,
da série *Black Mirror***

***Between videogames and the game of life - affection in the episode
“STRIKING VIPERS”, from the series “Black Mirror”***

Rogério de Castro Ângelo¹

Simone Tiemi Hashiguti²

Recebido em: 14/10/2019

Aprovado em: 20/01/2020

Publicado em: 30/06/2020

RESUMO: No mundo contemporâneo, as relações sociais acontecem cada vez mais mediadas por novas tecnologias e os dispositivos móveis estão cada vez mais funcionando como uma extensão do corpo, dando acesso a redes sociais e aplicativos de trocas de mensagem, entre outros. Neste trabalho, valendo-nos dos conceitos de afeto (ESPINOZA, 2009), corpo vibrátil (ROLNIK, 2011), territorialização e desterritorialização (ROLNIK, 1986), amor prático (BARROS FILHO; PONDE, 2017) e ciborgue (HARRAWAY, 2016), procuramos fazer uma análise de como se dá a relação de afeto mediada/proporcionada pela tecnologia no episódio *Striking Vipers*, da série *Black Mirror*. Como percurso/proposta metodológica, apoiamo-nos em trabalhos de Deleuze e Guattari (1995) e de Sueli Rolnik (2011), procurando nos afastar de uma proposta de trabalho dita arborescente e tentando nos aproximar daquilo que Deleuze e Guattari (1995) chamam de rizoma. Nesse sentido, não iremos nos filiar a um quadro teórico fechado, ao invés disso, procuraremos mobilizar conceitos oriundos de diferentes áreas, de modo a percorrer um caminho singular na problematização dos efeitos da tecnologia nas relações afetivas entre os três personagens principais do episódio elencado no corpus que nos propusemos a analisar, fazendo uma análise sobre a relação de conexão/influência mútua homem/máquina.

Palavras-chave: Afeto; (Des)territorialização; Ciborgue.

ABSTRACT: In the contemporary world, the social relationships occur more and more through new technologies, and the mobile devices are increasingly working as an extension of the human body, giving access to social networks and message exchange applications, among others. In this work, making use of the concepts of affection (ESPINOZA, 2009), vibrating body (ROLNIK, 2011), territorialization and deterritorialization (ROLNIK, 1986), practical love (BARROS FILHO; PONDE, 2017) and cyborg (HARRAWAY, 2016), we seek to analyze how the relationship of affection mediated/provided by technology occurs in the episode “*Striking Vipers*” taken from the *Black Mirror* series. As a methodological approach/proposal, we rely on the work of Deleuze and Guattari (1995) and Sueli Rolnik (2011), trying to move away from an arborescent work proposal and trying to get closer to what Deleuze and Guattari (1995) call rhizome. In this sense, we will not be affiliated with a closed theoretical framework. Instead, we will seek to mobilize concepts from different areas, in order to follow a unique path in the problematization of the effects of technology on affective relations between the three main characters of the episode chosen as our *corpus*, which we will analyze the relation of connection/mutual influence between humans and machine.

Keywords: Affection ; (De)territorialization ; Cyborg.

1. Licenciado em Letras Português/Inglês e Literaturas pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFU. Professor de Português e Inglês no Instituto Federal do Triângulo Mineiro. ORCID: 0000-0002-09365028 E-mail: rogerioangelo@iftm.edu.br

2. Bacharel em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Doutorada e Mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp. Professora Associada do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: 0000-0002-9230-9640 Email: simonehashiguti@gmail.com

*All the world's a stage,
And all the men and women merely players;
They have their exits and their entrances,
And one man in his time plays many parts,
His acts being seven ages.*
William Shakespeare

INTRODUÇÃO

Neste artigo, valendo-nos dos conceitos de afeto (ESPINOZA, 2009), corpo vibrátil (ROLNIK, 2011), territorialização e desterritorialização (ROLNIK, 1986), amor prático (BARROS FILHO; PONDÉ, 2017) e ciborgue (HARRAWAY, 2016), procuramos fazer uma análise de como se dá a relação de afeto mediada/proporcionada pela tecnologia no episódio “*Striking Vipers*”, da série *Black Mirror*.

Como percurso/proposta metodológica, apoiamos-nos nos trabalhos de Deleuze e Guattari (1995) e de Sueli Rolnik (2011), procurando nos afastar de uma proposta de trabalho chamada arborescente e tentando nos aproximar daquilo que estes autores chamam de rizoma. Nesse sentido, não iremos nos filiar a um quadro teórico fechado, ao invés disso, procuraremos mobilizar conceitos oriundos de diferentes áreas, de modo a percorrer um caminho singular na problematização das questões que nos chamaram a atenção no *corpus* que nos propusemos a analisar.

Cartografia / esquizoanálise / rizoma

Como efeito de início, partimos da discussão de Rolnik (2011), em seu livro *Cartografia Sentimental*, o qual nos serve de inspiração para fazermos este trabalho que busca articular conceitos de diferentes quadros para a delimitação e análise de um *corpus*. Rolnik (2011) nos traz que:

A cartografia, neste caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição de cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 2011, p. 23)

Neste sentido, nos propomos a fazer um trabalho analítico que não se pretende isento, imparcial, reconhecendo que até mesmo a seleção do *corpus* já é marcada por aquilo que os(as) pesquisadores(as) se propõem a analisar. Por outro lado, reconhecer

que o trabalho de pesquisa nunca é isento, imparcial, não significa desgarrar-se do fazer científico e fazer uma análise estritamente baseada em opiniões/crenças individuais. O que nos propomos a fazer é esse processo de antropofagia, mobilizando conceitos de diversos autores para a análise de nosso *corpus*, procurando não cair na ilusão de um trabalho totalmente imparcial, sem ideologia.

A relação que buscaremos estabelecer entre os diferentes conceitos mobilizados parte da discussão feita por Deleuze e Guattari (1995), na obra “Mil Platôs”, em que eles se valem da botânica para fazerem um paralelo entre ciência “arborescente” e ciência “rizomática”. A ciência arborescente é aquela com uma raiz profunda, em que o quadro teórico tende a ser utilizado de forma fechada. Por outro lado, a proposta de uma análise/pesquisa rizomática é o movimento de estabelecer um percurso que abre possibilidades outras de interpretação, traçando aproximações entre campos diferentes. Segundo os autores, as características do rizoma abarcam:

1º e 2º - Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. (DELEUZE, G; GUATTARI, F., 1995, p. 14)

Neste trabalho, portanto, buscamos mobilizar conceitos de teóricos e áreas que não necessariamente dialogariam, que não pertencem necessariamente a um mesmo quadro teórico, pois nossa ideia é justamente experimentar com um modelo de fazer ciência que busca mobilizar diferentes conceitos, o que acaba por nos dar outras possibilidades de interpretação para o nosso *corpus*.

Corpo vibrátil e Afeto

Sueli Rolnik (2011), no texto mencionado anteriormente, nos traz uma reflexão interessante sobre o que ela chama de *corpo vibrátil*, que seria a capacidade no do nosso corpo de ser afetado, constantemente, na interação com outros corpos. Procuraremos, durante a nossa análise, perceber marcas de como essa capacidade de reagir aos outros corpos (que podem ser outras pessoas, lugares, músicas, obras de arte, etc.), alterando inclusive nossa organização física, se manifesta. Nas palavras de Rolnik,

Segundo pesquisas recentes, cada um de nossos órgãos dos sentidos é portador de uma dupla capacidade, uma cortical e outra subcortical. A primeira corresponde à percepção, a qual nos permite apreender o mundo

em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos, de modo a lhes atribuir sentido. [...] Já a segunda, que por conta de sua repressão nos é mais desconhecida, nos permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos. [...] É também neste livro que pela primeira vez chamei de “corpo vibrátil” precisamente essa segunda capacidade de nossos órgãos dos sentidos em seu conjunto. (ROLNIK, 2011, p. 12).

A esse conceito de corpo vibrátil, associaremos as noções de *afecção* e *afeto*, tal como trabalhadas por Espinoza em sua *Ética*. Entendemos que a noção de corpo vibrátil, a capacidade de aumento e diminuição de nossa potência de agir/existir no contato com outros corpos é o que Espinoza trata como *afecção*. Barreiro, Carvalho e Furlan (2018) delineiam esses conceitos, mostrando inclusive os pontos de encontro e as diferenças entre *afecção* e *afeto*:

Em *Ética*, principal obra de Espinoza escrita em latim, encontram-se dois termos distintos e com diferentes significados, o “*affectus*” (afeto) e “*affectio*” (afecções): *Afecção* remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o *afeto* remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes (DELEUZE, 2002, p. 56).

Logo de início, é preciso destacar que o *afeto* e a *afecção* estão sempre interligados. A *afecção* representa um estado momentâneo do corpo, ao passo que o *afeto* é a passagem de um estado a outro, é uma transição (*transitio*). (BARREIRO, M. F.; CARVALHO, A. B.; FURLAN, M. R., 2018, p. 520).

Em nossa análise, buscaremos problematizar como a tecnologia também pode intervir nesse processo de *afecção* e de *afeto*, uma vez que, por meio das tecnologias, as formas de contato com os outros corpos são alteradas, podendo alterar também as formas de afetarmos e sermos afetados.

Ainda sobre essa noção de *afeto*, Mariana Ribeiro Marques (2012), em sua dissertação de mestrado, nos aponta para o fato de que o *afeto*, para Espinoza, não está relacionado necessariamente a algo bom, sendo na verdade uma mudança de amplitude de nossa potência de agir. Nas palavras de Marques (2012):

Os afetos são, portanto, potência em processo de variação; ser afetado é passar a uma perfeição maior (alegria) ou menos (tristeza) do que a do estado anterior. Essa transição, além de não envolver necessariamente a consciência da mesma, exprime a variação da potência de agir do corpo. Para o filósofo, toda paixão é um *afeto*, embora o contrário não seja verdadeiro. Os afetos podem ser ativos, quando exprimem a passagem a uma perfeição maior (alegria), ou passivos, quando exprimem o movimento oposto (tristeza). (MARQUES, M. R., 2012, p. 15).

Além disso, Barreiro *et al.* (2018) nos apontam para o fato de que temos a tendência a tentar replicar/prolongar os encontros que nos afetam de forma positiva (alegria) e a evitar aqueles que nos afetam de forma negativa.

Os afetos (alegria/tristeza) dizem respeito a estarmos sujeitos aos aumentos e diminuições de nossa potência de agir. No entanto, é recorrente estarmos temporariamente menos fixados a essa variação quando nossa potência de agir é aumentada, ou seja, quando somos afetados pela alegria, desejamos permanecer assim. Então, a amplitude da potência de agir gera um impulso para nos manter afetados de alegria, mas quando somos afetados pela tristeza, a potência de ação está em um nível baixo. (BARREIRO, M. F.; CARVALHO, A. B.; FURLAN, M. R., 2018, p. 527).

Em nosso trabalho, buscaremos mobilizar como os aparelhos tecnológicos também podem aumentar ou diminuir nossa potência de agir, dito de outra forma, como somos afetados numa relação que não é exatamente homem-homem, mas numa relação entre homem-máquina → homem-máquina ou ciborgue → ciborgue.

Territorialização/desterritorialização

De um outro texto de Sueli Rolnik (1986), “Amor, o impossível ... e uma nova suavidade”, mobilizarei a noção de territorialização e desterritorialização os quais ela articula em relação ao amor/às relações amorosas. Para fazer essa articulação, Rolnik (1986) vale-se das figuras de Ulisses e Penélope, da Odisseia de Homero, associando Penélope à territorialização (à permanência, à espera do outro) e Ulisses à desterritorialização (à partida, à distância). Esses conceitos de (des) territorialização serão mobilizados, no nosso trabalho, na problematização sobre a interação entre os personagens principais da trama do nosso *corpus*.

Rolnik (1986) inicia sua discussão fazendo a seguinte provocação:

Que a família implodiu, já sabemos. Isso não é de hoje. Dela restou uma determinada figura de homem, uma determinada figura de mulher. Figura de uma *célula* conjugal. Mas esta vem se “desterritorializando” a passos de gigante. (ROLNIK, S. 1986, p. 1).

Associado à noção de desterritorialização, a qual ela associa a Ulisses, ela traz também o conceito de máquinas celibatárias, que associamos, neste trabalho, a uma incessante busca por afecções que gerem afetos positivos (alegria), retomando a discussão sobre afeto em Espinoza feito anteriormente. Segundo Rolnik (1986):

Sem território fixo, as máquinas celibatárias erram pelo mundo. Com cada fio que se apresenta — humano ou não — elas tecem, se tecem. E a cada novo fio, elas esquecem, se esquecem. Sem identidade, são pura paixão: nascem de cada estado fugaz de intensidade que consomem. Seu voo, já

longe do sufocante mundo dos Ulisses e Penélopes, atinge universos insuspeitados. A vida se expande. Há uma alegria nessa expansão. Grandeza celibatária. (ROLNIK, S. 1986, p. 5).

Importante frisar que, ao longo de sua discussão sobre as mudanças que vêm ocorrendo em relação aos relacionamentos afetivos/amorosos, Rolnik (1986) aponta para o fato de que territorialização e desterritorialização não são estanques, apontando para o fato de que temos/somos um pouco Penélope e um pouco Ulisses.

Ao mesmo tempo que se dá a desterritorialização, é preciso que, ao longo dos encontros, territórios se construam. (Máquinas celibatárias, o que não sabíamos é que, sem território algum, a vida, desarticulada, míngua). E nos empenhamos na criação desta nova cena (novas cenas?) [...] Na verdade, o que não suportamos é a estridência desses sons inarticulados. É o “nada mais daquilo tudo”. O que não suportamos é que somos um pouco Penélopes, um pouco Ulisses, um pouco máquinas celibatárias, um pouco replicantes ... e um pouco nada mais daquilo tudo. (ROLNIK, S. 1986, p. 8).

Associamos também a essa discussão sobre o amor enquanto tentativa/possibilidade de territorialização o conceito de *amor prático*, tal como discutido na obra “O que move as paixões”, de Clóvis de Barros Filho e Luis Felipe Pondé (2017). Segundo os autores:

O conceito de Kant [de amor prático] me intriga porque ele trata da ideia de moral, propriamente: já que não ama, faça como se amasse. Nisso, a herança de Fedro em Kant é bastante óbvia: quem ama tem comportamentos nobres. Em outras palavras, de modo simples, aquele que ama dá. Atitude-exemplo: como viajo quase todo dia para dar palestras, quase todo dia trago um presente para minha filha mais nova. Alguém pode pensar: “Puxa, como você é generoso com ela!”. Não. Eu sou amoroso. Eu dou por amor. Vamos imaginar que não a amasse. Mas que, do ponto de vista puramente intelectual, de decisão moral, eu achasse justo dar a ela um presente – pois a generosidade é uma virtude moral que imita o comportamento de quem ama. Essa é a ideia do amor prático. Uma coisa é dar por amor e outra dar sem amar. [...] Trago um segundo exemplo: por uma questão de inclinação amorosa, só tenho intimidades sexuais com minha companheira. Não há aí fidelidade nenhuma no sentido convencional da palavra; o que existe é amor. (BARROS FILHO, C.; PONDÉ, L. F., 2017, p. 82-83).

Em nossa análise, buscaremos problematizar como a territorialização pode funcionar como uma forma de amor prático.

Subjetividade/antissubjetividade

Em seu livro “Subjectivity”, Nick Mansfield (2000) faz um panorama sobre diferentes teorias sobre a noção de sujeito/subjetividade. No presente trabalho, buscaremos fazer uma análise levando em consideração as teorias que consideram o

sujeito não como um indivíduo fixo, estável, conhecedor de si mesmo, o que se aproxima do que Mansfield (2000) chama as teorias antissubjetivas da subjetividade. Segundo ele:

Como poderia existir uma teoria *antissubjetiva* da subjetividade? Porém é exatamente isto que emerge nos trabalhos de Michel Foucault e outros influenciados pelo filósofo alemão do século XIX Friedrich Nietzsche. [...] cada um de nós é a corporificação de uma força quântica chamada “vontade”. [...] O principal veículo de constrangimento é a língua, que petrifica a ilusão de que para cada ação há um sujeito pré-existente responsável por ela. Foucault [...] traz a ideia de que a subjetividade não é na verdade algo existente, mas que foi inventada por sistemas dominantes de organização social para nos controlar e nos administrar. Nós somos educados e assediados até acreditarmos que a organização correta do mundo depende da divisão da população humana em categorias. [...] Para Foucault, o sujeito é o local de trabalho primordial do poder, fazendo-nos voltarmos contra nós mesmos, capturando-nos na ilusão de que nós temos uma individualidade fixa e estável a qual a ciência pode conhecer, as instituições podem organizar e os experts podem corrigir. (MANSFIELD, N. 2000, p. 9-10, tradução nossa).

Dessa forma, buscaremos problematizar como os sujeitos desejanter/sujeitos “de vontade” do nosso corpus são afetados numa relação mediada pelas tecnologias. Buscaremos problematizar, ainda, como a tecnologia pode funcionar como um elemento que vem para perturbar a ilusão de fixidez, de controle que os sujeitos têm, sobretudo no que se refere ao processo de (des)territorialização em relação a relações amorosas.

Ciborgue

Outro conceito que mobilizaremos em nossa análise está relacionado às formas de interação homem-máquina. No livro de Mansfield citado anteriormente, ele nos traz uma discussão sobre o trabalho de Donna Haraway. Segundo ele:

A análise de Donna Haraway é baseada na história política pós-moderna. Seu maior propósito em “A cyborg manifesto” (1985) é de desafiar a dependência da esquerda em modelos orgânicos e essencialistas de humanidade. [...] De acordo com o pensamento tradicional de esquerda, portanto, a tecnologia é anti-humano e deve ser controlada ou combatida por uma cultura que deve recobrar suas conexões com sua própria verdade interior e valores autênticos e com a Natureza. Este é o argumento que Haraway quer contrapor com a figura ambígua do ciborgue. (MANSFIELD, 2000, p. 158).

Neste trabalho, veremos como a tecnologia pode possibilitar formas outras de afeto, dessa maneira, concordamos com Haraway (2016) quando ela discute a noção de ciborgue, não tratando a tecnologia como algo necessariamente diferente e exterior ao humano, mas problematizando a relação de conexão/influência mútua homem/máquina.

A fronteira entre ficção científica e realidade social é uma ilusão de ótica. A ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues – criaturas simultaneamente animais e máquinas, que povoam mundos ambigualmente naturais e criados. A medicina moderna também está cheia

de ciborgues, de acoplamentos entre organismo e máquina, cada um concebido como um dispositivo codificado, numa intimidade e com uma força que não foram geradas na história da sexualidade. O “sexo” ciborgue restaura algo adorável da reprodução barroca das samambaias e dos invertebrados (tão boas profiláticas orgânicas contra o heterossexismo). A replicação dos ciborgues é descolada da reprodução orgânica. (HARAWAY, 2016, p. 6-7, tradução nossa).

Especificamente no nosso corpus, buscaremos problematizar como a tecnologia alterou a relação entre três principais personagens de um episódio de uma série da Netflix, personagens esses que são afetados, ora positivamente, ora negativamente pelas tecnologias.

Striking Vipers

Segundo consta no próprio site da *Netflix*, *Black Mirror* é uma série que se propõe a discutir questões referentes a como a tecnologia influencia as relações humanas. A sinopse lê: “Esta série antológica de ficção científica explora um futuro próximo onde a natureza humana e a tecnologia de ponta entram em um perigoso conflito.”¹ Aqui cabe uma primeira ponderação, em relação a esta sinopse disponível na própria plataforma Netflix, que visa a apresentar a série àqueles que potencialmente podem se interessar em assistir a série. Falar que a natureza humana e a tecnologia de ponta entram em um *perigoso conflito* nos remete à discussão apontada por Mansfield (2000) sobre o trabalho de Haraway (1985). Acreditamos que colocar essa relação como um perigo remete a uma formação discursiva pautada na separação entre humanos e máquinas, sendo que o humano estaria conectado à natureza e a tecnologia o estaria corrompendo, distanciando-o de seus valores. Na contramão dessa perspectiva é que nos inscrevemos, concordando com Haraway (1985, 2016) que defende que os limites entre o mundo *exclusivamente* dos humanos em oposição ao mundo das máquinas não fazem sentido, uma vez que as interações humano-máquina são cada vez mais comuns, o que nos remete à figura do ciborgue, tal como mencionado anteriormente neste trabalho.

Em relação ao episódio selecionado especificamente para a análise neste trabalho, começaremos por problematizar o título e a sinopse, também disponível na própria plataforma. Trata-se do primeiro episódio da quinta temporada da série *Black Mirror*, intitulado *Striking Vipers* (Víboras marcantes, em tradução livre).

No episódio, *Striking Vipers* é o nome de um jogo de *videogame*, com a temática de luta, em que dois jogadores precisam derrotar o outro, em dois *rounds*, para ser

¹ Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70264888>. Acesso em: 3 jul. 2019.

considerado o vitorioso, comandando um avatar/personagem que pode socar, chutar e desferir “golpes especiais” em seu adversário, dependendo dos comandos que o jogador aciona no controle, similarmente às franquias de jogos como *Mortal Kombat*, *Tekken*, *The King of Fighters* e *Street Fighter*, as quais ficaram muito famosas durante a década de 1990.

O episódio inicia-se em uma boate, em que vemos um rapaz (Danny) conversando com sua namorada (Theo). Pouco depois chega um amigo do casal (Karl) e apresenta sua nova namorada (Daisy). Na próxima cena, vemos que Karl, Danny e Theo dividem um apartamento. Primeiramente Danny e Theo aparecem em um momento íntimo. Em seguida, vemos Karl que está fumando e jogando videogame na sala.

Danny deixa sua namorada na cama e vai jogar *Striking Vipers* com seu amigo Karl. Esta é a primeira vez em que o jogo que dá o nome ao episódio aparece. A princípio, Danny fica relutante em jogar, dizendo ao amigo que precisaria trabalhar no dia seguinte, mas o colega (Karl) insiste dizendo: “Foda-se o trabalho”.

Karl escolhe como avatar Roxette e Danny escolhe Lance. Karl/Roxette vence a primeira luta, em dois *rounds*, e logo depois eles reiniciam, tendo ambos escolhidos novamente os mesmos avatares de antes.

Acreditamos pertinente ressaltar alguns aspectos sobre a escolha desses avatares. Primeiramente, retomamos a ideia de afecção e de afeto (ESPINOZA, 2009) para ressaltar que tanto Danny quanto Karl parecem ser afetados positivamente pelo jogo, uma vez que, ao jogar, estavam em um momento de descontração/alegria, um momento de aumento da potência de agir, enquanto que Theo, a namorada, é afetada negativamente por essa relação de Danny com o videogame, uma vez que ele prefere ficar com o amigo jogando videogame do que ficar com ela no quarto.

Além disso, a repetição da escolha dos avatares, por parte dos jogadores, nos remete à ideia de que tendemos a manter uma situação que esteja nos afetando positivamente. Ademais, no caso em questão, a tecnologia (videogame), pelo menos em relação aos amigos Danny e Karl está funcionando como um fator de ligação, de companheirismo.

Voltando ao episódio, após essa cena, há uma marca temporal “11 anos depois” e podemos ver Danny, fazendo um churrasco, no quintal de uma casa grande, há várias pessoas nesse churrasco, que rapidamente descobrimos ser para comemorar os 38 anos de Danny. Nessa ocasião, vemos um Danny com o semblante sério, usando óculos, vestido com roupa mais social, e situado num ambiente em que vários elementos são mobilizados para significar que ele, com o passar desses 11 anos, é um homem de

família. Retomando o conceito de Rolnik (1986), Danny havia se inscrito num processo de territorialização com sua parceira Theo, com a qual ele tinha até um filho (Tyler), que estava com 3 anos.

Trajatória diferente é a que é construída para Karl, que nos é apresentado chegando à festa de aniversário do amigo num carro, sozinho, escutando música, todo sorridente e com uma roupa com aspecto mais casual.

Quem vai receber Karl à porta da casa onde está acontecendo a festa é Theo, que pergunta sobre Daisy, ao que Karl responde que não estavam mais juntos, haviam terminado um ano antes.

Theo se desculpa por perguntar sobre a ex, e tenta se desculpar dizendo que não sabia, pois não está “no Facebook, então...”. O fato de Theo não estar “no Facebook” nos parece mais uma tentativa de reforçar a imagem de alguém que não é muito afetada positivamente pelas tecnologias, tal como ela não havia se interessado pelo videogame na cena anterior, diferentemente de Karl e Danny.

Na sequência, Karl vai ao encontro de Danny e, ao vê-lo distraído, fazendo o churrasco, chama a atenção dele com uma espécie de piada: “Nada melhor que comida caseira?!” Acreditamos que essa sequência discursiva pode tanto funcionar como uma retomada do discurso de que a comida feita em casa tem um tempero especial, quanto para um discurso frequentemente repetido de que a vida de casado (representado pela territorialização de Danny e Theo) torna-se repetitiva, monótona, chata, em oposição à vida de solteiro (representado pela desterritorialização/máquina celibatária de Karl), que seria uma vida de aventuras, de descobertas, aberta a novas infinitas novas possibilidades.

Em seguida, Karl dá um presente de aniversário a Danny, trata-se de *Striking Vipers X*, a versão mais recente (10ª edição). Nesse momento, a oposição entre a vida de casado/vida de solteiro é novamente colocada em funcionamento, uma vez que o lazer com o videogame não parece estar em sintonia com a atual vida de Danny e suas responsabilidades enquanto pai de família, enquanto “territorializado”. A princípio, ele agradece o presente, uma lembrança dos “velhos tempos”, mas coloca empecilhos, dizendo que talvez nem consiga jogar tal jogo, uma vez que seria necessário um dispositivo de Realidade Virtual (doravante RV).

A contrapartida do amigo vem na sequência, pois ele já havia se antecipado a essa possível recusa do amigo, tendo colocado também no pacote o dispositivo de RV que seria necessário para ativar o jogo.

Em seguida, os dois vão para o lado de dentro da casa e Karl começa comentando sobre a aparência de Theo “Theo está bem. Ao menos um de vocês está indo à academia” contrapondo-a à de Danny “Sério cara, parece que você saiu de um filme do Frankenstein”. Mais uma vez, temos o funcionamento de um discurso sobre o casamento de que, depois do casamento, o homem deixa de cuidar da aparência, uma vez que, não estando mais inscrito no modelo de *máquina celibatária*, ou seja, uma vez estando *territorializado*, casado com uma parceira fixa, não precisaria cuidar da aparência, que estaria relacionada à conquista de (múltiplas) novas parceiras sexuais.

A resposta de Danny reitera ainda mais esse discurso, ao dizer:

Desde meu problema no joelho, não pude mais malhar. Não é uma desculpa. [...] Eu posso relaxar. *Estou casado*. Agradeço a Deus por não ter mais que ir a encontros. Estar disponível no mercado é uma merda.[...] Precisa competir com os novinhos. Faz o que, mil flexões por dia? [...] Tenho pena de você.

Na sequência, uma vez mais Karl, querendo mostrar as vantagens de se estar solteiro, da *desterritorialização*, mostra para o amigo a nova parceira (sexual), a qual ele conheceu num aplicativo, a italiana Mariella, cujas fotos ele exhibe ao amigo, gabando-se do fato de ela ter 29 anos, (aproximadamente 10 anos mais nova que Karl). Percebemos aí uma vez mais a tecnologia funcionando, associada ao personagem Karl, como um elemento de aumento da potência, algo que o afeta positivamente, e servindo como um mecanismo (moderno) de paquera.

Num momento posterior no episódio, vemos um paralelo interessante, em que temos um corte em que há uma inversão nessa relação entre tecnologia e relações pessoais. Primeiramente, vemos Karl conversando com uma garota (Mariella) num bar. Ele aponta para o *bartender* e faz um comentário, puxando conversa, falando: “Olha só o *bartender*, Parece o Rodman!”. A garota (10 anos mais nova que ele) não entende a referência, e pergunta qual Rodman, quando Karl diz o nome e o sobrenome, ela pega o celular, digita o nome e o sobrenome, vê algumas fotos, lê um pouco sobre a biografia dele e dá uma risadinha sem graça, uma vez tendo entendido que Karl estava comentando sobre o estilo do cabelo do *bartender*.

Em seguida, vemos Danny e Theo conversando, em casa.

Theo: O aplicativo diz que precisamos transar em uma hora, é o pico de fertilidade. Estou meio cansada, mas acho que devíamos. Não está a fim?
Danny: Comi demais, não sei se consigo. É melhor economizar.

Acreditamos que esse corte traz um contraponto interessante ao que vinha sendo mostrado até então, uma vez que neste caso a namorada/ficante de Karl deixa-o um

tempo conversando sozinho, sendo que ele é “trocado” pelo celular, ainda que por alguns instantes, enquanto que na cena de Theo e Danny, Theo (que teoricamente não tem nenhum engajamento com tecnologias) está sendo alertada por um aplicativo (de fertilidade) sobre o melhor dia para ela tentar, com Danny, fazerem um filho.

Eventualmente, reforça-se uma vez mais o discurso de que a vida de casado é pouco atraente, sobretudo do ponto de vista sexual, uma vez que Karl e sua namorada depois são mostrados transando, enquanto Theo e Danny vão dormir.

Na cena seguinte, Danny aparece jogando videogame, aparentemente um jogo de Tetris² na sala. Então aparece uma mensagem na TV: “KARL está te convidando para jogar *Striking Vipers X*”. Karl então dá instruções de como jogar para Danny conversando com ele por meio de um dispositivo de áudio que ele estava usando para jogar videogame. Para poderem jogar em RV, é preciso que Danny coloque uma espécie de botão metálico em um dos lados de sua testa, colocar o chip no controle do *videogame* e apertar um botão de sincronização. Fazendo isso, após escolher o avatar que irá utilizar para lutar e escolher a “arena” onde farão o combate, os jogadores passam por um processo de “imersão” no jogo.

Ao clicar para sincronizar, ambos entram numa espécie de transe, os olhos ficam enevoados, o corpo completamente relaxado, transportam-se para a RV e o cenário vai sendo visualizado aos poucos (conforme o jogo vai “carregando”). Inclusive a voz vai sendo sintetizada, deixando de parecer com a voz dos jogadores, e assumindo a voz dos avatares que eles escolheram para a luta.

Nesse sentido, retomamos a ideia do ciborgue, tal como proposto por Haraway (1985, 2016), por considerarmos que, no contexto do episódio em análise, a ligação humano-máquina se dá de maneira que as sensações experimentadas no jogo, pelo avatar, são sentidas pelo jogador/humano.

Não é surpresa o fato de que os avatares que irão lutar são novamente Roxette/Karl e Lance/Danny. É válido ressaltar o fato de que ambos os jogadores são personagens negros, mas que, no espectro de opções que lhes são apresentados no jogo, escolhem como avatar dois personagens brancos, com traços asiáticos, além do fato de um dos jogadores (Karl) optar por um avatar feminino (Roxette), todavia, não nos aprofundaremos nessa discussão sobre possibilidades de análise em relação a essas escolhas.

² O jogo consiste em empilhar tetraminós que descem a tela de forma que completem linhas horizontais. Quando uma linha se forma, ela se desintegra, as camadas superiores descem, e o jogador ganha pontos. Quando a pilha de peças chega ao topo da tela, a partida se encerra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tetris>.

Após alguns momentos de familiarização com a nova corporalidade experimentada, sobretudo da parte de Danny, que se surpreende com o fato de não mais sentir a dor na perna, de sentir-se diferente num corpo musculoso. Ambos começam a testar os movimentos possíveis naqueles avatares, eles fazem comentários positivos sobre essa possibilidade de experimentar a sensação de estar em outro corpo. Em seguida, acreditamos ser reveladora a sequência dita por Karl: “Cara, dá para fazer tanta coisa aqui que não dá para fazer lá fora! ” Sendo que o “aqui” representa a RV de “dentro” do jogo, na condição que estamos chamando de ciborgue, em oposição ao “lá fora”, fora da RV do jogo.

Os dois, então começam a lutar, e o jogo emula/simula todas as sensações físicas, que são sentidas no corpo dos jogadores, que estão completamente relaxados sobre seus respectivos sofás. Então, temos um dos momentos cruciais do episódio, que dá início à chamada “complicação” da sequência narrativa. No final do segundo *round* da luta, novamente saindo vitoriosa/o Roxette/Karl, os avatares começam a rolar no chão, sendo que Roxette/Karl para em cima de Lance/Danny e, após um momento de suspense, Roxette/Karl dá um beijo em Lance/Danny. A princípio o beijo é correspondido, porém, em seguida Lance diz “Não, não, não, não”, limpa a boca e pergunta, afastando-se de Roxette/Karl: “Como saio daqui? ”.

Roxette/Karl diz “Sair do jogo” e imediatamente desaparece do cenário. Em seguida Lance/Danny também dá o comando e Danny aparece na sala de sua casa novamente. O beijo entre os dois avatares mexe com a cabeça dos dois amigos, e isso interfere na vida de ambos a partir de então.

Percebemos então o conflito que nos é apresentado: mediado pela tecnologia da RV e do jogo *Striking Vipers*, os dois amigos de outrora começam a ter um relacionamento afetivo e sexual, configurando-se uma espécie de triângulo amoroso entre Danny, Karl e Theo, sendo que Danny/Lance e Karl/Roxette são atraídos fisicamente um pelo outro na RV. Já no mundo “lá fora”, Danny e Theo continuam casados (apesar de um distanciamento cada vez mais aparente de Danny), e Karl continua saindo com garotas mais novas (apesar de sentir-se cada vez menos interessado nelas e mais interessado em ficar com Danny/Lance na RV).

Achamos intrigante o fato de que, nessa situação, ocorre uma inversão entre os papéis que nos haviam sido apresentados até então, uma vez que Karl, que se comporta como máquina celibatária “lá fora”, numa eterna desterritorialização, passa, no mundo aberto pela RV, a esperar cada vez mais por Danny/Lance. Já Danny/Lance, que havia sido apresentado como alguém que “sossegou”, que representava a territorialização,

passa a ausentar-se cada vez mais dos compromissos com a esposa, e o filho, para encontrar-se com Roxette/Karl.

Essa triangulação amorosa torna-se ainda mais intrigante pelo fato de Karl e Danny, nesse processo de relações mediadas pela RV, não conseguirem nomear/classificar o que estão vivendo, como podemos perceber no diálogo a seguir:

Karl/Roxette: Então, acho que somos gay.... É brincadeira.

Danny/Lance: Hah, não parece gay para mim.

Acreditamos que ambos compreendiam que estavam tendo um relacionamento afetivo, porém a corporalidade assumida na RV impedia-os (principalmente Danny/Lance) de verem o relacionamento como um relacionamento homoafetivo, embora ambos soubessem que quem estava comandando o avatar eram dois homens.

Ainda sobre esta questão, em um certo momento, vemos Danny/Roxette e Karl/Lance conversando, com as roupas parcialmente abertas, sugerindo que haviam acabado de ter mais uma relação sexual. Ao que se segue o seguinte diálogo:

Danny/Lance: Como é? Tipo, estar no corpo de uma mulher enquanto...

Karl/Roxette: Loucura. É... loucura. Tipo, é diferente. Sabe a sensação física? É meio que mais... satisfatório. Não dá para explicar. Tipo, um é um solo de guitarra, e o outro é a porra de uma orquestra. A música é basicamente a mesma. Mas o ritmo é meio diferente.

Associamos essa discussão sobre as diferenças entre a forma de experimentar a sensação sexual estando em corpos diferentes (principalmente por Karl, que assume um corpo feminino na RV), à discussão feita por Luce Irigaray, uma psicoanalista francesa, sobretudo no que se refere à pluralidade do feminino (orquestra) em oposição à unicidade do masculino (solo de guitarra). Segundo Mansfield,

O argumento de Irigaray gira sobre a distinção sobre a idealização masculina do singular e unificado, em contraste com a imersão feminina na pluralidade e na diferença. O gênero feminino é, pois, separado da lógica totalizante de unicidade que tanto fascina a cultura masculina.

Irigaray discute que a sexualidade feminina nunca foi teorizada em seus próprios termos. Para Freud [...] um entendimento sobre a sexualidade feminina deve sempre esperar até que um modelo completo da sexualidade masculina tenha sido feito. (MANSFIELD, N., 2000, p. 69-70, tradução nossa).

A situação de traição (virtual?) vai se arrastando até que, num aniversário de casamento de Danny e Theo, Theo reclama que Danny a está deixando “de fora”, e começa a questionar Danny se ele está envolvido com outra pessoa, uma vez que eles “não fazem” há semanas, apesar de estarem, teoricamente, tentando uma segunda gravidez. Theo reclama principalmente em relação aos pequenos gestos do dia a dia.

Nesse sentido, retomamos a discussão apresentada anteriormente sobre o *amor prático*. Conforme citado na primeira parte deste trabalho, na perspectiva da moral em Kant, conforme discutido na obra de Clóvis de Barros e L. F. Pondé, não basta dizer que ama, é preciso agir como quem ama. O que se traduz, no caso de Theo e Danny, que estavam em um casamento “tradicional”, a expectativa de Theo é de que Danny seja leal à sua família, de que ele respeite o acordo tácito da territorialização assumido no casamento.

Podemos perceber essa expectativa na sequência discursiva a seguir, de Theo para Danny:

É sempre igual, eu entendo.

Vida em família.

Merda, eu acho um tédio. Mas eu sou leal. Sou leal à nossa família, a você. Deus sabe que eu podia sair e fazer o que eu quisesse. Acha que não fiz sacrifícios? Que não me privei de coisas? Tinha um cara dando em cima de mim hoje mais cedo no bar. Parte de mim quis ficar com ele, só pela emoção, pela paixão, porra. Mas é o que você faz quando está em um relacionamento, você se fecha pra essas merdas. Você se fecha porque se comprometeu. É o significado de compromisso.

Essa conversa entre Theo e Danny faz com que Danny/Lance evite Karl/Roxette por um tempo. Mais especificamente, passam-se sete meses (segundo o corte temporal feito na série) e nesse período, podemos perceber que houve uma reaproximação/reterritorialização entre Danny e Theo, uma vez que ele se apresenta mais atencioso à mulher e ao filho, além do fato de que Theo agora está grávida. Karl, por sua vez, não lida bem com a ausência do amante/amigo e nos é mostrado sozinho numa casa totalmente bagunçada.

A situação caminha para o momento de clímax quando Theo, alheia à situação que havia se passado entre Danny e Karl, convida-o para jantar em sua casa, para comemorar o aniversário de Danny. A situação do jantar é bastante constrangedora, principalmente para Danny, que não consegue olhar para Karl e ver apenas o amigo, sem se lembrar de Roxette e do jogo. Durante o jantar, Theo e Karl conversam animadamente e descontraídos, enquanto Danny fica apático. Quando Theo levanta-se para buscar uma sobremesa que havia feito, Danny tenta tirar satisfação com Karl. Karl, por sua vez, mostra que tentou repetir, na RV, o que fazia fora dela, o movimento de desterritorialização, porém sem sucesso. Numa tentativa de convencer Danny a se encontrar via RV uma vez mais, tenta apelar para a lembrança sobre o que eles haviam experimentado dentro do universo da RV:

Nada se compara, não é? Eu tentei substituir, tentei. Tentei transar com personagens virtuais, é besteira. [...]
São como bonecas. Não são programados para isso.
Tentei com jogadores reais. Outros caras controlando o Lance. Teve um cara da Holanda. Ele até que era bom, desde que eu não pensasse no sotaque. Mas não me encantou.
Nada me encantou, não é como você. Você e eu. [...]
Eu tentei de tudo. Já entrei como jogador, como jogadora, entrei em surubas multiplayer, o que imaginar. Cheguei a transar com Tundra, o urso polar. Eu transei com um urso polar e não consegui te tirar da cabeça.
Ela vai estar lá à meia noite. Só mais uma vez.

Depois do jantar, Danny não consegue controlar o impulso de rever Roxette, e quando viu que era meia noite, vai ao encontro de Karl/Roxette, por meio do *Striking Viper X*. Então, o que começa como um último encontro sexual entre Karl/Roxette e Danny/Lance passa por um momento crucial quando, após transarem Karl/Roxette diz a Lance/Danny que o ama.

Confuso com o próprio sentimento, Danny tenta resolver o impasse marcando um encontro presencial com Karl em frente à boate que frequentavam quando eram mais jovens. Chegando lá, Danny propõe a Karl que se beijem, fora da RV, para ver se há algo entre os dois, “fora da RV”. A princípio ambos negam haver algo, porém eles se abraçam para se despedirem e começam uma luta, que só acaba quando uma viatura de polícia passa pelo local e acaba levando-os para a delegacia.

O episódio termina com uma espécie de reterritorialização na relação entre Theo, Danny e Karl. Isso acontece porque Theo vai buscar Danny na delegacia e ele acaba tendo que explicar a situação a ela. Eventualmente há um corte na cena e Theo e Danny estão, uma vez mais no aniversário de Danny, que recebe de presente da esposa uma caixinha com o botão da RV. Em troca disso, ele entrega a ela uma caixinha, embrulhada em um papel de presente, que depois vemos ser um porta alianças, que ela usa para guardar a aliança de casamento antes de ir para um bar, encontrar-se com um outro rapaz. Fica subentendido, ao final da cena, que Danny/Lance e Karl/Roxette e Theo passam a ter, pelo menos uma vez ao ano, uma noite em que o contrato estabelecido no casamento entre Theo e Danny fica “suspense”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, problematizamos como, num episódio da série Netflix, os personagens foram/eram afetados pela tecnologia e como isso alterou a forma de afeto entre os principais personagens, acabando por configurar um processo de desterritorialização/reterritorialização em um relacionamento amoroso.

ÂNGELO, R.C.; HASHIGUTI, S.T.

Discutimos também a noção de ciborgue, uma vez que entendemos que as tecnologias cada vez mais funcionam como extensões do corpo, o que acaba por alterar a forma como nos relacionamos com as tecnologias e também como nos relacionamos com outros humanos/ciborgues por meio das tecnologias.

Ademais, analisamos como a RV trouxe, no âmbito de nosso *corpus*, possibilidades alternativas inclusive de os personagens sentirem seus próprios corpos, uma vez que tinham o corpo “de fora” e o corpo “de dentro” da RV, o que acabou tendo desdobramentos sobre o como, principalmente os dois amigos (Danny e Karl) eram afetados um pelo outro.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, M. F.; CARVALHO, A. B.; FURLAN, M. R., A arte e o afeto na inclusão escolar: potência e o pensamento não representativo. *In: Childhood and Philosophy*. Vol 14, N. 30. 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.30164>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/30164>. Acesso em: 03 jul. 2019.

BARROS FILHO, C.; PONDÉ, L. F. **O que move as paixões**. São Paulo: Papyrus, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ESPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARAWAY, D. J. **A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and socialist-femiinism in the late twentieth century**. University of Minnesota Press, 2016. Disponível em: https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/undergraduate/modules/fictionnownarrativemediaandtheoryinthe21stcentury/manifestly_haraway_----_a_cyborg_manifesto_science_technology_and_socialist-feminism_in_the_....pdf. Acesso em 03 jul. 2019.

MANSFIELD, N. **Subjectivity: theories of the self from Freud to Haraway**. Nova York: New York University Press, 2000.

ÂNGELO, R.C.; HASHIGUTI, S.T.

MARQUES, M. R. **Afeto e sensorialidade no pensamento de B. Espinosa, S. Freud e D. W. Winnicott.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.20706>.

ROLNIK, S. **Amor, o impossível... e uma nova suavidade.** 1986. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Novasuavidade.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2019.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental:** Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

STRIKING VIPERS, **episódio da série Black Mirror.** Direção: Owen Harris. Escrito por: Charlie Brooker. Elenco: Anthony Mackie como Daniel “Danny” Parker; Yahya Abdul-Mateen II como Karl; Nicole Beharie como Theo Parker; Pom Klementieff como Roxette; Ludi Lin como Lance; August Muschett como Tyler; Fola Evans-Akingbola como Mariella. Netflix, World-wide. 2019. (61 min.) widescreen.

Como citar este artigo (ABNT)

ÂNGELO, R.C.; HASHIGUTI, S.T. Entre o videogame e o jogo da vida – o afeto no episódio “STRIKING VIPERS”, da série Black Mirror. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

Ângelo, R.C. & Hashiguti, S.T. (2020). Entre o videogame e o jogo da vida – o afeto no episódio “STRIKING VIPERS”, da série Black Mirror. SELL, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.